

João, leitor de Dom Quixote: cenas de leitura no romance *O beijo na parede*, de Jeferson Tenório

*João, reader of Don Quixote: reading scenes in the novel O beijo na parede, by
Jeferson Tenório*

Maria do Desterro da Conceição SILVA*
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

Ana Crélia Penha DIAS**
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Mariana Soares dos SANTOS***
Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT)

RESUMO: O objetivo deste estudo é analisar a construção do narrador-personagem da obra *O beijo na parede* (2020), de Jeferson Tenório, a partir do perfil leitor que ele assume na narrativa, buscando uma relação com a ideia de direito à literatura, de Antonio Candido (2011). Para isto, seguem-se os caminhos da pesquisa bibliográfica e a partir de Antonio Candido (2011), Annie Rouxel (2008), e Michelli Petit (2009), construiremos o perfil leitor do personagem. A narrativa de Jeferson Tenório concentra-se na perspectiva da infância, constatada pela forma como o protagonista narra suas experiências memorialísticas e interage com o seu meio e com o objeto livro, objeto este que age como um veículo de legitimação social e como espaço de construção subjetiva do personagem. Dessa forma, conclui-se que a literatura, dentro dessa narrativa, é enxergada como um agente mobilizador que confere humanização aos personagens frente às precariedades sociais que se estabelecem.

* Mestre em Letras (2017) pela Universidade Federal do Piauí. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, pela Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). E-mail: ms.marixsilva@gmail.com

**Doutora em Letras Vernáculas (2008) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É professora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: anacrelia@gmail.com

*** Mestre em Letras (2023) pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão (UEMASUL). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). E-mail: marisantosoares@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: O beijo na parede. Direito à literatura. Perspectiva infantil. Formação do leitor literário.

ABSTRACT: The aim of this research is to analyze the construction of the first-person protagonist narrator of the narrative *O beijo na parede* (2020), by Jeferson Tenório, taking into account his reader profile, seeking a relationship with the idea of the right to literature, by Antonio Candido. To do so, through bibliographic research from Antonio Candido (2011), Annie Rouxel (2008), Vincent Jouve (2005) and Michelli Petit (2009), we will accomplish the reading of the character. Jeferson Tenório's narrative focuses on the perspective of childhood, verified by the way the protagonist narrates his memorial experiences and interacts with his environment and with the book, an object that acts as a vehicle of social legitimation and as a space for subjective construction of the character. Thus, it is concluded that literature, within this narrative, is seen as a mobilizing agent that gives humanization to the characters in the face of the social precariousness that are established.

KEYWORDS: O beijo na parede. Right to literature. Childhood perspective. Formation of the literary reader.

Considerações iniciais

Elas [as pessoas] afirmam que o próximo tem direito, sem dúvida, a certos bens fundamentais, como casa, comida, instrução, saúde (...). Mas será que pensam que o seu semelhante pobre teria direito a ler Dostoiévski ou ouvir os quartetos de Beethoven? (Candido, 2011, p. 174).

Antonio Candido (2011), em texto escrito para uma plateia de juristas, ao final da década de 80 do século XX, ao discutir a relação entre literatura e direitos humanos, afirma que a literatura é um bem essencial para todos, assim como a comida, a saúde, a moradia e outros bens que são fundamentais para o bem-estar social, no entanto, o autor também questiona se as pessoas de classe menos favorecida teriam acesso a produções consideradas eruditas.

Considerando os índices abissais de desigualdade social a que boa parte da população brasileira é submetida (Cebrap, online), o acesso a bens culturais e artísticos tornam-se artigos de luxo inalcançáveis para muitos grupos socialmente vulnerabilizados na sociedade brasileira. Sob esse cenário, às vezes, o livro pode possibilitar o que Michelli

Petit (2009) chama de fuga para uma interioridade autossuficiente, um exercício de elaboração da realidade que oportuniza um encontro de conforto ou de conflito com as próprias questões subjetivas do leitor em contraste com sua colocação em um espaço social determinado.

Tendo isso em vista, quando adentramos o universo ficcional do texto literário, encontramos personagens capazes de interagir com essas dinâmicas de interiorização e reflexão da realidade social. João, o narrador-personagem de *O beijo na parede* (2020), por exemplo, tem como livro de cabeceira, ou melhor, calço de mesa, um romance considerado canônico da literatura ocidental: *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes. A obra de Jeferson Tenório apresenta João como leitor de *Dom Quixote* e também de *Oliver Twist*. Sua trajetória é marcada pela solidão, perdas familiares, orfandade e abandono. A leitura de textos literários, ou melhor, a imaginação dessas histórias, contribui para que o menino possa sonhar com dias melhores, mesmo diante de uma realidade cruel e desafiadora.

João é um menino de 11 anos, órfão, que após ser rejeitado pela família do pai em Porto Alegre é levado a um abrigo de menores e posteriormente é acolhido em um cortiço por uma prostituta (Estela), e que desenvolve uma profunda amizade com dona Dinorah, acometida pelo Alzheimer, seu Ramiro, idoso doente e solitário, e Verônica, travesti e garota de programa. A obra de Jeferson Tenório percorre as desventuras da vida de João sob a sua perspectiva, que ainda é forjada pela percepção da infância, e nesse cenário a fantasia se fortalece pela constante presença da literatura e do livro como símbolo de poder.

Dessa forma, o objetivo principal deste artigo é analisar a construção do narrador-personagem da obra *O beijo na parede* (2020), de Jeferson Tenório, a partir do perfil leitor que ele assume na narrativa, buscando uma relação com o direito à literatura. Assim, estudando a obra, tentaremos encontrar respostas ou mais indagações para o questionamento de Antonio Candido exposto anteriormente como epígrafe deste texto. Portanto, esta análise da obra está organizada em duas seções: na primeira discutimos a relação leitor, leitura e literatura; na segunda propomos um diálogo entre a narrativa e o debate de Antonio Candido sobre literatura e direitos humanos.

1 Leitor, leitura e literatura

O beijo na parede é narrado por João, que nos conta sua trajetória, pois não quer se tornar “uma pessoa atacada dos nervos” (Tenório, 2020, p. 8) aos 11 anos. Observamos ao longo do livro sua tentativa de não adoecer, mesmo diante da dura realidade vivida, muito em função do quadro clínico delicado vivido por sua mãe, vítima de um câncer, e seu pai, alcoólatra. Assim, por ter poucas pessoas com quem pudesse conversar, ele decide escrever sobre si. O que é interessante na narrativa a partir da perspectiva de João são as estratégias utilizadas pelo personagem para aproximar o leitor das suas mais profundas inquietações. Por meio da narração, João provoca o leitor insistentemente a também se tornar um curioso das fabulações, assim como ele, o que fica evidente na passagem: “Mais tarde voltarei a falar disso” (Tenório, 2022, p. 8), ou ainda em: “E quando a gente ganhar mais intimidade, eu conto porque fiquei assim [menino precoce]. Se vocês acharem que vale a pena, eu conto.” (Tenório, 2022, p. 7). O convite ao diálogo, feito pelo narrador chama a atenção para o que é narrado e como é narrado, além de também ser acrescido pela perspectiva da infância vivida pelo narrador.

É importante colocar em perspectiva também o papel exercido pela posição narrativa da criança na obra de Jeferson Tenório. João apresenta uma visão particular dos acontecimentos que rondam a sua vida, não se trata apenas da presença de uma leitura convencional, descritiva e/ou expositiva do universo da infância em que o personagem é inscrito, mas sim da incorporação da visão reflexiva da criança na forma como a narrativa se estabelece no plano linguístico e estético. A respeito de narradores crianças, Terry Engleton afirma que:

Enxergar o mundo do ponto de vista infantil pode mostrá-los de uma maneira pouco usual e bastante reveladora. Os objetos podem ser vistos com peculiar frescor e imediaticidade, como bem sabe Wordsworth. Mas a visão de uma criança é naturalmente restrita. [...] David Copperfield, de Dickens, conta que, quando menino, podia ver as coisas em partes, mas não em conjunto. Ironicamente, é assim que o próprio Dickens tende a enxergar. A visão infantil da realidade pode ser vivida, mas é fragmentária, da mesma forma como, frequentemente, enxerga Dickens. Assim, não deixa de ser curiosamente apropriado que tantas vezes ele enxergue o mundo pelos olhos de uma criança. A visão limitada dos narradores infantis significa que nem sempre conseguem ter uma percepção coerente de suas experiências (Engleton, 2024, p. 92).

O leitor, confidente desse jovem narrador, é cada vez mais convocado ao ler trechos em que o narrador estabelece uma conversa, apontando para um destinatário pressuposto, no universo construído por João. Tomando as palavras de Terry Eagleton: “Quando se conta uma história do ponto de vista de um determinado personagem, nem sempre é fácil deixar essa perspectiva” (2024, p. 92), e é sob essa estratégia que a narrativa de João se estabelece para que possamos nos tornar, para além de meros leitores, testemunhas de sua vida e de seu modo ainda ingênuo de enxergar as pessoas e o mundo.

A construção do narrador de Jeferson Tenório na obra se aproxima daquilo que Annie Rouxel descreve como “uma forma de leitura literária na qual se exprime plenamente a singularidade de um leitor empírico. Ela dá conta da maneira única que o leitor reage a uma obra expondo sua personalidade profunda, seus valores, seu imaginário” (2018, s/p), dessa forma, as construções subjetivas do leitor, no caso João, são fundamentais para a construção de sentido das histórias literárias com que o personagem mantém contato no decorrer da narrativa, o que é atestado também pelas teorias de Vincent Jouve (2013), quando o autor afirma que a leitura do texto também é uma leitura de seu leitor, uma forma de reflexão identitária, um caminho entre a consciência subjetiva e a consciência do espaço social.

Já para Michèle Petit (2019) a literatura sedimenta um espaço de construção subjetiva íntima, um espaço de acolhimento em si, em que “nos livros, nós nos apoderamos de fragmentos de espaços fictícios para depositar ali nossa alma e dar forma a lugares onde viver” (2019, p. 139). É o que observamos na história de João. A relação de João com os livros é traduzida na dinâmica que ele estabelece com a obra de Cervantes que, por sua vez, é o primeiro livro com que constrói um vínculo afetivo e de propriedade/apropriação. À medida que o personagem narra suas histórias imaginadas a partir da sua interação e contato com *Dom Quixote*, também é ao leitor apresentada a percepção de João sobre a vida e a sua experiência enquanto criança vulnerabilizada pela pobreza e o abandono; assim, conforme o menino conversa com outros personagens e histórias imaginadas ao longo da trama, ele também mantém um diálogo em aberto com quem provavelmente irá ler *O beijo na parede* (2020).

Foi por esse tempo que apareceu um livro no chão do nosso quarto. Não sei bem como ele foi parar lá, mas ele servia para equilibrar o pé da mesa que havia quebrado. Como eu não tinha muitos brinquedos, precisava dar um jeito de me divertir. Tirei o livro que apoiava a mesa e botei um tijolo no lugar. Era um livro de capa dura, vermelha, com dois cavaleiros desenhados em dourado. Passei a inventar histórias para me distrair. Eu ainda não sabia ler muito bem, e as crianças sempre precisam de uma ilusão. Mais tarde, quando aprendi a ler, descobri que era um livro besta. Posso dizer que, num primeiro momento, achei que se tratava da história mais idiota que alguém já escreveu (Tenório, 2020, p. 13).

Quando João narra o momento em que encontra *Dom Quixote*, ele tece alguns comentários sobre suas primeiras impressões a respeito do livro. Observamos, a priori, uma descrição do livro enquanto um objeto suntuoso (capa dura, vermelho, volumoso), por outro lado, João é um menino pobre que possuía poucos divertimentos e de antemão o livro preenche o espaço que seria ocupado pelo brinquedo, o que se pode entrever pelos atributos valorativos que João concede ao livro. O entendimento do livro de Cervantes como um objeto luxuoso faz com que João o perceba como um bem, que agora é de sua propriedade. Posteriormente, o menino consegue ler a história de *Dom Quixote* e se decepciona, concluindo que se tratava de um livro besta. No entanto, ele passa a carregar a obra de Miguel de Cervantes por todos os lugares no decorrer da narrativa, inclusive, leva-a do Rio de Janeiro a Porto Alegre.

O paradoxo estabelecido entre o comentário do personagem e sua atitude de permanecer com o livro só acentua que uma relação profunda e afetiva foi construída entre João e a história de Dom Quixote e Sancho Pança, mesmo que ainda o João leitor não tenha se dado conta de que a experiência da leitura não se atravessa apenas pelas identificações espelhadas, as quais são mais óbvias, afinal, a possibilidade de reimaginação da história fazia com que João se filiasse à obra de Cervantes. Ele também reescreveu a história quando a inventou a partir dos poucos sinais interpretados. Mesmo frustrado pela constatação de que suas histórias eram melhores que as escritas na narrativa, João preserva o livro como uma forma de conservação afetiva, de pertencimento a um espaço simbólico frente a todas as precariedades a que é submetido.

O universo da leitura que permeia toda a trama do personagem João está intrinsecamente relacionado a uma dinâmica de poder instaurada entre João e o livro de Cervantes que, por sua vez, oferece ao personagem não só a possibilidade de evasão mediante a uma conjuntura social e familiar delicada, mas, sobretudo, a construção de um

espaço de autonomia e poder em que a ele, João, é permitida a construção da fantasia e da imaginação. Ele não lê as histórias contadas no livro nesse primeiro momento, ele as imagina a partir do contato físico que estabelece com o objeto livro, da percepção das ilustrações que compõem as histórias e da própria noção de que ao livro é licenciado o ato de inventar uma realidade, de ficcionalizar. João experimenta, a partir da interação com o livro enquanto objeto simbólico de poder, a possibilidade de reescrita das histórias de *Dom Quixote*, em que pode inventar a jornada heroica dos personagens da obra de Cervantes, ao passo em que se coloca no mundo em um lugar discursivamente, de fato, o mundo é justamente a reunião de vários universos humanos, dentre eles o social e o ficcional (Petit, 2019).

É interessante pensar que a leitura literária também é uma questão dentro da obra de Cervantes e isso é reinterpretado na obra de Tenório. Se em *Dom Quixote* o livro é um subterfúgio do protagonista, em *O Beijo na parede*, o livro funciona como um mecanismo de reelaboração do mundo pelo narrador criança, que não só adere as perspectivas lúdicas da história como as reflete na sua realidade social. Existe, então, um encontro percebido pela ótica da criança narradora em que realidade social e a ficcional se articulam e se afetam. Dessa forma, na narrativa de Tenório temos um leitor criança tentando entender as entrelinhas de *Dom Quixote* inscrevendo-as em sua própria vida e, nesse processo, questiona-se, frustra-se, dialoga e interage. Em uma das cenas de leitura da obra de Jefferson Tenório, temos a figura do professor Divino lendo trechos do livro levado por João para a aula. O professor intercala a interpretação com a leitura do texto de Cervantes.

O professor continuou falando. Pediu o livro. Folheou. Depois disse para eu sentar. Ele começou a ler algumas frases, modificando a voz, colocando emoção nas palavras. A turma gostava, quando o professor fazia isso porque depois, no recreio, a gente podia imitá-lo para fazer deboche. “Cada um é filho de suas obras”, disse ele jogando um dos braços para o alto. “Até no inferno devem existir boas pessoas.” Gritou. E a gente fez uma cara de assustado, pois “inferno” é quase um palavrão. Ele ia contando pra gente a história e depois selecionava um trecho para ler: “É verdade; e senão me queixo com a dor. É porque aos cavaleiros andantes não é dado lastimar-se de feridas, ainda que por elas lhes saiam as tripas.” Nesse momento todo mundo fez “ARRRRGS” de nojo, pois o professor deu muita ênfase nas palavras “feridas” e “tripas” (Tenório, 2020, p. 33).

A forma como o professor lê e media a narrativa *Dom Quixote*, ressaltando os aspectos da oralidade e da performance na leitura do texto, colocando em visibilidade o meio, o público, o texto e o emissor (Zumthor, 2010), prende a atenção das crianças e encanta João, que mais tarde reproduzirá essa performance com outros colegas, mas dessa vez nas ruas. A atenção dada pelo professor ao texto, dramatizando alguns aspectos e a escolha dos trechos recitados, realoca a história de Cervantes em paralelo à própria história de João, em especial na morte do protagonista de Cervantes que alerta a Sancho Pança, e por consequência o leitor, da temeridade que é deixar-se morrer. A trajetória de João é sempre permeada pela presença da morte e sua existência é também uma forma de resposta a essa situação, e a dramatização desse excerto de *Dom Quixote* dialoga com a vida do protagonista de Jeferson Tenório.

O final da cena de leitura também vale ser destacado aqui, afinal a saída silenciosa dos alunos motivada pela tristeza da morte de Dom Quixote também faz referência à própria jornada de silenciamento imposta a João, a tristeza não faz barulho e isso explica os vários interditos colocados ao personagem, que o impossibilitam de verbalizar a sua própria dor. Nessa passagem, a dor de João se torna metonímica em relação ao sofrimento coletivo de crianças cujas vidas são marcadas por sofrimento e ausência de direitos, e diante disso são aculturadas no silenciamento para poder seguir, processo que pode ser ilustrado pela reação coletiva e fúnebre à morte do protagonista de Cervantes.

Em determinado momento da narrativa, por exemplo, João menciona o Campeão, um cavalo que seu pai havia comprado: “Eu gostava muito do Campeão. Principalmente quando montava nele e ficava brincando de cavaleiro.” (Tenório, 2020, p. 21). João, explicitamente, busca relacionar o seu cotidiano com aquele presente no livro que lia frequentemente. O Campeão fazia o menino recordar do seu livro preferido e por muito tempo o único, ao mesmo tempo que ele reinventa uma memória de afeto com a figura paterna, sempre muito distante e violenta. Em outro momento, João faz uma proposta a Estela, personagem que adota afetivamente o menino, após a venda de Campeão:

Expliquei a ela [Estela] que estava com saudade do Campeão, mas que na verdade eu tinha ido lá para trocar o nome dele, pois eu estava lendo o Dom Quixote e ele tem um cavalo chamado Rocinante. Eu queria que o Campeão tivesse esse nome. Porque eu gostei muito do Rocinante (Tenório, 2020, p. 42).

Após o suicídio do pai, João precisou vender seu cavalo para comprar comida, porém, lendo o romance de Miguel de Cervantes ele tem a ideia de trocar o nome do animal, o que não era mais possível àquela altura. O Campeão além de ser a materialização da fantasia cavaleiresca de *Dom Quixote* também simbolizava um carinho, mesmo que também inventado, do pai.

Como bem já diz Antonio Candido, “Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado” (2011, p. 176). A brincadeira de representação instituída pelo protagonista João revela um amadurecimento dele enquanto leitor, capaz de delegar e ressignificar os sentidos do livro de Cervantes em relação a infortúnios da sua própria vida, em que o universo da fabulação é incorporado de diferentes formas em sua vida.

As dissidências reveladas pelo personagem entre o universo ficcional da literatura e a sua condição social vulnerabilizada são apresentadas em algumas passagens, como: “Comecei a sentir fome, novamente. Eu bem que tentei ler o Dom Quixote para enganar a fome, mas a história não enche estômago, só enche a cabeça” (Tenorio, 2020, p. 38), ou ainda em: “Tive vontade de dizer que aquela era mais uma pergunta idiota, pois eu mal tinha o que comer, quanto mais perder meu tempo lendo aquele monte de livros. Mesmo assim, eu sempre encontrava uns minutinhos para ler uns trechos de *Oliver Twist*, porque eu gosto muito daquele garoto” (Tenório, 2020, p. 114). João estabelece, ele próprio, a dicotomia entre a fome e o desejo de ler, circunscrevendo a fome como um impeditivo para que continue lendo e traçando as distâncias entre a sua condição de abandono, sentindo no corpo com a falta do que comer, e o lugar da leitura que pressupõe, na análise do personagem, um espaço minimamente humano e confortável.

2 João tem direito à literatura?

Quando pensamos em direitos humanos e colocamos em perspectiva a literatura como “fator indispensável de humanização” (Candido, 2011, p. 177), podemos traçar um paralelo entre o sentido de humanização proposto por Candido e a transformação provocada pela leitura na vida de João. Para o protagonista, a obra de Cervantes ajuda a preencher diversos vazios deixados pelo total estado de desamparo a que o personagem é

acometido: “Eu carregava o *Dom Quixote* para lembrar do professor Divino – assim doía menos não ter ninguém.” (Tenório, 2020, p. 45). O livro materializava a figura do professor e acentuava a ausência dos pais. Em um segundo momento, o universo literário, ainda ocupando esse espaço de amparo social, irá acompanhar a jornada de autoconsciência do personagem e o amadurecimento enquanto leitor:

Depois me levou para conhecer a livraria e me mostrou muitos livros, e eu com muita dificuldade comecei a ler os títulos que o seu Raimundo me dava: Tom Sawyer, Oliver Twist, Sítio do Picapau Amarelo, A volta ao mundo em oitenta dias, Viagem ao centro da terra e muitos outros. Seu Raimundo me deixou sozinho e disse que eu poderia mexer em qualquer livro. [...] Fiquei um tempão lendo alguns trechos do Oliver Twist, depois eu li o resumo na parte de trás e comecei a ficar triste porque a história era de um menino que também era órfão e era obrigado a viver como homem (Tenório, 2020, p. 96-97).

O protagonista, já nas passagens finais do livro, tem acesso a diversas obras clássicas na livraria de seu Raimundo. Aqui, é possível perceber que ele já consegue identificar e selecionar os livros que quer ler. João já constitui um gosto por determinados livros e compreende os efeitos mobilizadores provocados por essas histórias, é isso o que ele percebe, por exemplo, quando se identifica com a história de *Oliver Twist*. Os campos afetivos acessados pela linguagem literária despertam o que há de humano no personagem e “Negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade”. (Candido, 2011, p. 188). João a essa altura da narrativa de *O beijo na parede* já compreende a literatura como um campo seguro de fantasia, mas que transparece a sua realidade, as histórias contadas nos livros de literatura a que tem contato no decorrer do romance já não são meros instrumentos de escapismo, ele se apropria delas para lidar com os seus próprios sofrimentos e entender o mundo.

Partindo dessa concepção, a fruição da literatura não é um antídoto contra todos os males do mundo, mas cria um espaço, muito raro, de acesso à interiorização do ser, da subjetividade e de contato com a humanização do leitor e com a humanidade do mundo, ou ainda como coloca Antonio Candido: “Não há povo e não há homem que possa viver sem ela [literatura], isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação” (2011, 177), que permite ao leitor ressignificar o mundo por intermédio da linguagem.

Em prática, o que é posto em visibilidade na narrativa de João é a reunião de processos de intersubjetividade com a produção de sentidos a partir da identificação, acomodação e ressignificação elaboradas entre o texto ficcional e a sua própria reflexão na realidade social do personagem, como bem destaca Maria Amélia Dalvi, analisando as condições entre criação e recepção da obra literária:

Por isso, tanto o processo de criação quanto o processo de recepção têm como fundamento a comunicação intersubjetiva—e a produção de sentidos exige a negociação, no mínimo, entre: a) a “letra dura” do texto e sua discursividade; b) o valor social das diferentes formas materiais de publicação; c) a posição social do enunciador e das diferentes vozes nos contextos de enunciação, publicação e circulação; d) as posições ideológicas (volitivas e axiológicas) inerentes a todo discurso situado e que viabilizam, constroem ou induzem a certos modos de ler e à produção de certos sentidos em detrimento de outros (2020, p. 41).

Em *O beijo na parede* o contato com as fabulações das histórias faz com que João, no decorrer da narrativa, perceba as vicissitudes da sua realidade e dos seus amigos pela percepção da fantasia, introduzindo assim, aspectos dessa visão imaginativa dos fatos na vida dos que o cercam. A fantasia deixa de ser um elemento encarcerado nas linhas do texto literário e passa a ser refletida na realidade do protagonista, por ele próprio que deseja materializá-la, torná-la de alguma forma verdade.

Nessa passagem da narrativa, João compreende que uma das poucas formas de combater a dor do mundo é intervindo. Já considerado por si próprio um grande conhecedor da vida e de suas armadilhas, João é apresentado como uma criança com um nível incomum de maturidade e percepção social, como é demonstrado no seguinte trecho:

Passei em casa e peguei o Dom Quixote só para tê-lo junto de mim e fui procurar o doutor Fagundes no posto de saúde. Ele estava atendendo e eu fiquei numa cadeira muito confortável balançando minhas pernas. Dali a pouco o doutor Fagundes abriu a porta e deu aquele sorriso de que eu tanto gostava. Ele pediu para eu entrar na sala dele. Perguntou pelo meu pai. Fiquei quieto. Depois perguntou se eu estava bem, se não estava doente. Respondi que estava bem. Mas eu queria mesmo dizer que tinha uma tristeza no coração porque minha mãe morreu de câncer e meu pai tinha se enforcado no banheiro, mas eu pensei em não dizer nada porque as pessoas tristes não são doentes, só são tristes (Tenório, 2020, p. 37).

O livro é colocado por João como um bem de legitimidade, que possui um valor social reconhecido pelos adultos ao seu redor. É a partir desse entendimento que o personagem vai ao encontro do Doutor Fagundes, um médico que simpatiza com João e se dispõe a ouvi-lo de uma forma reconfortante. Chama a atenção o modo como o livro é encarado por João, um salvo conduto que será capaz de, por meio da autoridade atribuída a ele socialmente, permitir que ele fale honestamente do seu sofrimento para o médico. O livro institui “os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática” (Candido, 2004, p. 175), e é a partir desse entendimento que João estabelece com a obra de Cervantes não só uma relação afetiva, mas também de legitimidade.

Nesse sentido, o que se sobressai na narrativa de Tenório é o caminho percorrido por João para sobreviver, apesar dos obstáculos que se sobrepõem à vida. As forçadas travessias físicas e emocionais a que o protagonista é submetido o fazem reagir e o menino associa sua capacidade de resistir à precarização da vida ao seu lugar de leitor. A literatura nesse contexto acaba ganhando contornos de aprendizagem, mas não no sentido pedagógico ou moral, mas como um campo que permite o personagem acessar as suas dores e a identificar a sua realidade e o mundo em que vive. Assim, a leitura se torna para o personagem aquilo que Rouxel afirma sobre o lugar da leitura “mais que um lugar de expressão do sujeito leitor, a leitura é um lugar de existência” (Rouxel, 2012, p. 278). Vejamos esse outro trecho da narrativa de Jeferson Tenório:

Às vezes, à noite, eu e o Pouca Força reunimos o pessoal para que eu pudesse contar as histórias do Dom Quixote para eles. Funcionava assim: eu lia uns pedaços e depois explicava do meu jeito. Na verdade eu imitava o professor Divino. As crianças gostavam mais quando contava com as minhas palavras. O que era melhor, pois eu podia mudar um pouco a história. Troquei até o nome “Sancho Pança” para “João Pança”. De vez em quando eu trocava o nome de outros personagens e colocava o nome de alguma criança. Alguns brilhavam os olhos ao escutarem seus nomes, outros desconfiavam, mas no fim acabavam acreditando, porque uma alegria não se pode desperdiçar assim (Tenório, 2020, p. 51)

Nessa última passagem, João reproduz para seus amigos a dinâmica de leitura e performance realizada pelo professor Divino nos primeiros momentos da narrativa. Ele passa a imitar a dramatização feita pelo professor anteriormente, inserindo a sua

percepção da história e, dessa forma, revela não só a sua leitura de *Dom Quixote*, mas também como a obra de Cervantes foi incorporada à sua interioridade e como ele exterioriza essa relação íntima estabelecida entre ele e o texto. É o que Jorge Larrosa (2011), chama de princípio da transformação, em que o texto literário é experienciado e transportado para o universo pessoal e social do leitor, podemos, mais uma vez, tomar as palavras de Michéle Petit, quando a autora afirma que “Ler, ou ouvir uma leitura em voz alta, já serve para abrir esses espaços, ainda mais para aqueles que não dispõem de nenhum território pessoal” (2019, 47). Assim, percebemos que as cenas de leitura experienciadas por João ao longo da narrativa, projetam-se como espaços possíveis de existência, em que a realidade do racismo, da vulnerabilidade e do desamparo social se sobrepõe, mas não são capazes de despossuir o protagonista de sua subjetividade e sensibilidade com o mundo e com a sua própria história. Dessa forma, o contato com a leitura, com a contação de histórias, com os territórios da ficção, possibilita a João se enxergar enquanto um sujeito com direito de existir e de acessar ao restrito universo da leitura e da humanização. Por fim, o que é socialmente negado a João, a literatura lhe devolve: o direito de pensar e de estar no e com o mundo.

Considerações finais

Retomando a indagação utilizada como epígrafe deste artigo, podemos afirmar que o protagonista do romance de Jeferson Tenório representa uma parcela da população sem acesso digno a bens fundamentais como casa, comida e saúde. Dessa forma, a instrução, por exemplo, nem sempre se faz presente, muito menos a literatura. Provavelmente, aqueles que acreditam na possibilidade de Joões terem pelo menos o básico, não imaginariam incluir a literatura como um bem essencial para a formação humana.

Porém, tornando-se uma exceção à regra, João conhece a literatura através de *Dom Quixote* e isso o mantém ligado às possibilidades de ver o mundo, alcançando também as pessoas à sua volta. Com a chegada da literatura em sua vida, percebemos uma aproximação, no plano da representação, do que Candido chamou de poder humanizador do literário, mobilizando a capacidade de imaginar e contribuindo para momentos de

alegria, rebeldia, reflexão e para a tentativa de conservação da infância, mesmo quando a realidade é dura. Ou seja, a leitura literária se torna uma via poderosa utilizada por ele, tanto para se legitimar mediante a crueldade do mundo que o cerca, como também como forma de se compreender subjetivamente e identitariamente, percebendo a realidade ao seu redor e sua posição dentro desse espaço.

Portanto, é possível compreender que a narrativa de *O beijo na parede* (2020) é conduzida por um narrador-personagem criança que constrói a narrativa a partir de sua perspectiva ainda muito fragmentada e pertinente a sua fase de desenvolvimento. Além disso, entende também o livro para além de escapismo e fuga, pois, para o protagonista narrador, esse objeto representa a simbolização de um poder legitimado frente às vulnerabilidades pelas quais é acometido, pois o livro materializa o poder de autoridade da palavra e um espaço de pertencimento intelectual, já tateado pelo personagem. A leitura literária também se satisfaz como um espaço de compreensão identitária do personagem, e de transmissão de afetividade, em que por intermédio dela, João se vê capaz de interagir sensivelmente com o seu entorno.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. Direito à Literatura. In: CANDIDO, A. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

CEBRAP - Centro Brasileiro De Análise E Planejamento. **Relatório do Observatório Brasileiro das Desigualdades 2024**. Disponível em: https://combateasdesigualdades.org/wp-content/uploads/2024/09/RELATORIO_2024_v3-1.pdf. Acesso: 22 mar. 2025

DALVI, Maria Amélia. Democracia e pobreza em pesquisas brasileiras sobre educação literária. **Revista Graphos**, Paraíba, v. 22, n. 2 , p. 27-46, 2020.

EAGLETON, Terry. **Como ler literatura**. Trad. Denise Bottmann. 5. ed. Porto Alegre: L&PM, 2024

JOUE, Vincent. **A leitura como retorno a si**: sobre o interesse pedagógico das leituras subjetivas. Leitura subjetiva e ensino de literatura. São Paulo: Alameda, 2013

LARROSA, Jorge. Experiência e alteridade em educação. **Reflexão e Ação**, v. 19, n. 2, p. 04-27, 2011

PETIT, Michéle. **Ler o mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. São Paulo: Editora 34, 2019

PETIT, Michéle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2009

ROUXEL, Annie. Ousar ler a partir de si: desafios epistemológicos, éticos e didáticos da leitura subjetiva. Revista Abralic, Amazonas, v. 20, n. 35, 2018. Disponível em: <https://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/497/540#original>. Acesso em 19 mar. 2025.

ROUXEL, Annie. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, v. 42, n.145, p.272-283, 2012

TENÓRIO, Jeferson. **O beijo na parede**. 6ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2020.

ZILBERMAN, Regina. Recepção e leitura no horizonte da literatura. **Revista Alea**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 85-97, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1517-106X2008000100006>. Acesso em: 20 mar. 2025

ZUMTHOR, Paul. **Performance, Recepção, Leitura**. São Paulo, Ubu, 2018.

